

# Da fala para a escrita: o caso de provérbios e expressões populares \*

---

Hudinilson Urbano\*\*  
Universidade de São Paulo

## Resumo

O presente artigo objetiva abordar aspectos da chamada fraseologia popular brasileira, enfocando em particular o uso e a reenunciação de provérbios e expressões populares, retextualizados ou não, expandidos da linguagem falada corrente para textos escritos, literários ou não, cultos ou não. Fazemos algumas reflexões preliminares sobre a criação, natureza, espírito e circulação desses recursos, considerados de inspiração e uso extremamente populares. Demonstra-se, também, o trânsito desses recursos entre as várias áreas, níveis e gêneros lingüísticos, dando atenção para a sua expansão, chegada e uso no texto escrito, ainda que de feição oral, revelando, outrossim, amplo leque do seu reuso.

**Palavras-chave:** Provérbios; expressões populares; linguagem corrente; linguagem culta.

## Abstract

The present article aims to talk about some aspects of the so-called Brazilian popular phraseology, focusing particularly on the use and the rephrasing of proverbs and popular expressions, reformulated or not, extended from currently spoken language to written texts, literary or not, cultural or not. We do some preliminary reflections on the creation, nature, spirit and transit of these resources, which are considered as inspirational and of extremely popular use. We also demonstrate the transit of these resources among the different areas, levels and linguistic genres, giving attention to their expansion, arrival and use in the written

---

· Recebido em 28/09/2008. Aprovado em 06/10/2008.

\*\* Docente do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo. É pesquisador do Projeto NURC-SP.

text, even if they have an oral character, thus revealing the wide variety of their reuse.

**Key words:** proverbs; popular expressions; current language; cultural language

### **Résumé**

L'article en question a le but d'aborder des aspects de la nommée phraséologie populaire brésillienne, en se détenant, en particulier, sur l'usage et sur la réénonciation des proverbes et des expressions populaires, soient-ils réformulés ou non, élargis á partir de la langue parlée courante vers des textes écrits, soient-ils littéraires ou non, cultes ou non. Nous faisons quelques réflexions préliminaires sur la création, sur la nature, sur l'esprit et sur la circulation de ces recours dont l'usage et l'inspiration sont considérés extrêmement populaires. On démontre, aussi, la tramitation de ces recours parmi des différents domaines, des niveaux et des genres linguistiques, en faisant attention sur leur élargissement, sur leur arrivée et sur leur usage dans le texte écrit, même s'il a une caractéristique orale, en révélant aussi, une énorme variété de son réutilisation.

**Mots-clé:** proverbes; expressions populaires; langage courante; langage culte.

Nossa experiência pessoal de falantes, ouvintes e pesquisadores testemunha com absoluta segurança a frequência e recorrência, o aproveitamento e uso na língua falada do povo de recursos verbais, como gírias, expressões e provérbios, que podem ser agrupados sob a denominação geral de "fraseologia popular" e particularmente "frases feitas", cujo uso permite transitarem os usuários de qualquer condição, seja geográfica, sócio-econômica e/ou cultural.

Por outro lado, a literatura sobre o assunto é unânime em confirmar essa percepção e asserção.

Sabemos que a língua funciona como um elemento de comunicação e interação entre os indivíduos e a sociedade em que atuam. Sabemos também que vários fatores extralinguísticos, como os sócio-culturais, delimitam, condicionam e explicam as linguagens próprias dos respectivos falantes. Essas linguagens são consideradas variantes ou variedades lingüísticas da invariante lingüística globalmente considerada, no caso a língua portuguesa do Brasil, falando-se então em variante culta ou padrão, ou ainda em dialeto social culto ou padrão, falado, em teoria, pelos integrantes das classes "alta" e "média alta", e em variante não culta ou não padrão, ou ainda em dialeto social não culto ou não padrão (por alguns estudiosos denominado "coloquial" ou "popular"), este, falado, em tese, pelas classes "média baixa" ou "baixa".

O dialeto social culto e o dialeto social não culto caracterizam-se por marcas e usos, ora mais ora menos prestigiados pela comunidade em geral. Como falantes do primeiro, temos, em tese, os falantes cultos e letrados, quando estão em situação formal de fala, atuando, por exemplo, como conferencistas, professores, entrevistados etc. Como falantes do segundo, consideramos, em tese, os indivíduos não cultos ou de baixa cultura, quando nas situações comuns de sua fala cotidiana (como conversas em geral).

Os falantes cultos e não cultos, em “situações informais” (em família ou em rodas de amigos, por exemplo), produzem suas mensagens por meio de uma linguagem, digamos, média, resultado do amálgama das linguagens utilizadas pelos diversos níveis de falantes, linguagem que podemos denominar ainda, grosso modo, de linguagem comum, linguagem cotidiana ou linguagem corrente.

Na realidade a linguagem corrente corresponde a uma multiplicidade de linguagens correntes, idéia que compartilhamos com Antônio de Abreu Rocha, quando comentava já em 1960 precisamente no tópico *Língua corrente* do seu artigo “Aspectos Comunicativos da Língua”:

Línguas especiais e gíria — e outros: dialetos, língua popular, língua culta falada — são aspectos da multiplicidade da *língua corrente*. Tudo se baseia na língua corrente, que é a parte dinâmica da língua. A *língua corrente* é que é um ‘fato lingüístico real e próprio, espontâneo’ (Savi-Lopez, *Origines Neolatinas*, 114) *Importância da língua corrente* — É claro que os falantes das várias entidades profissionais, dos diferentes setores da sociedade, encontram-se nos pontos centrais das comunidades nos transportes coletivos, nas repartições, nos bancos, casas comerciais, nas competições esportivas, na convivência familiar, etc. — Daí a necessidade de se comunicarem, de entender-se. Surge então o aspecto principal da língua: a língua falada compreendida facilmente por todos os habitantes da área lingüística; o aspecto mantenedor do traço essencial da unidade lingüística; unidade que se fixa exatamente por causa da necessidade de comunicação e entendimento. Pedra-de-toque da unidade da língua, é a *língua corrente* o ponto essencial. Daí pode-se dizer que tudo o mais não deixa de ser aspectos da língua corrente. (p. 34-35)

Nesses casos, qualquer falante (culto ou não) coloca-se no papel de indivíduo comum, indivíduo do povo, empregando uma linguagem, com características mescladas das linguagens parciais dentro dos dialetos

culto e não culto, considerados inicialmente dicotômicos. Esses falantes, ainda que cultos, ou por isso mesmo, deveriam — e podem — usar a língua na sua mais completa naturalidade e capacidade, explorando todos os recursos de que dispõem, sejam eles da linguagem culta ou não.

É a linguagem do dia-a-dia, utilitária ou não, para veicular assuntos igualmente do dia-a-dia. Nessa linguagem comum, dependendo em particular dos fatores de escolaridade e letramento, entram características lingüísticas dos dois dialetos mais representativos, ora mais fortes de um ora mais fortes de outro. Além do mais, essa linguagem comum conta, óbvia e comprovadamente, com o maior número de usuários e a maior integração entre os outros dois níveis. Na prática, modernamente, parece-nos que predominam, nessa linguagem comum, as marcas da fala menos culta. Pela conotação com a linguagem dita “do povo”, pode-se denominar a esse nível de fala, totalmente espontâneo e despreocupado, também como linguagem popular, atribuindo-se então uma variante conceitual ao termo “popular” já visto. Assim sendo, compreendemos a expressão “linguagem popular”, em princípio, em dois sentidos, entre outros historicamente registrados: num sentido restrito, como sinônima de linguagem “não culta” e num sentido amplo, como sinônima de linguagem “do povo”, em oposição à linguagem da elite, não, porém, necessariamente inculta.<sup>1</sup>

Nesse segundo sentido mais amplo, abrangente e usual, está incluída então a linguagem informal das pessoas cultas, no seu cotidiano. A linguagem comum não tem, em princípio, qualquer conotação com a idéia de “erro”, vinculado à chamada gramática normativa. Ademais, usaremos, pois, como o fazem outros, freqüentemente uma expressão pela outra. Ainda, seja pela origem, seja pelo hábito lingüístico recorrente, seja pela veiculação de aspectos do cotidiano do povo, os

---

<sup>1</sup> Em relação a essa linguagem do povo e a língua escrita, Manuel Bandeira, que não foi lingüista, mas tinha a sensibilidade exata para sentir o que é a língua popular, dizia em “Evocação de Recife”: “A vida não me chegava pelos jornais, nem pelos livros. / Vinha da boca do povo na língua errada do povo. / Língua certa do povo”, corroborando em outro trecho a mesma idéia: “Vamos deixar disso [referindo-se a preocupações normativo gramaticais] O povo faz a língua, as classes cultas se servem dela com escolha e apuro, finalmente os escritores a empregam artisticamente” (1926) (apud Pinto 1981:210). Ainda nessa mesma perspectiva, achamos significativo levar em conta o pensamento de Machado de Assis, em 1897, com a autoridade de presidente da Academia Brasileira de Letras, ao dizer: “Caber-lhe-á [isto é, à Academia] então defendê-la [isto é, a língua] daquilo que não venha das fontes legítimas — o povo e os escritores — não confundindo a moda que perece, com o moderno que vivifica.” (apud Pinto 1978:189). Ressaltem-se, pois, e nesta ordem hierárquica, as duas fontes legítimas da língua: o povo e os escritores. E Machado de Assis termina o seu discurso indicando o programa da Academia: “As investigações a que nos vamos propor esse recolher de leitura ou de oitava não será um ofício brilhante ou ruidoso, mas útil, e a utilidade é um título, ainda nas academias.” E este ofício é, como se lê, a recolha da língua falada e língua escrita.

recursos sob enfoque são taxados como extremamente populares, vinculados que são à sabedoria, cultura e costumes populares, diríamos mesmo, folclóricos.

Em linhas gerais, essa linguagem comum ou popular difere da variante padrão ou culta, entre outros aspectos, pela ausência de elaboração consciente, que se reflete numa estruturação frásica simples, de frases geralmente curtas e ligadas ou encadeadas parataticamente; um vocabulário comum, repetitivo e pouco seletivo, freqüentemente gírio; uma ausência de preocupação e fixidez gramatical; uma prosódia descuidada e simplificada, própria da articulação da fala, inclusive em pessoas cultas e formais, sem muita nitidez e regularidade na fonação de determinadas palavras ou de determinadas seqüências silábicas, cuja articulação exige maior esforço e atenção, como *tão* por *estão*; *pra* por *para*; *primero* por *primeiro*; *falá* por *falar*, *xicra* por *xícara*, *abobrinha* por *aboborazinha* etc. É que atua aqui, entre outras razões, o impulso do mínimo esforço articulatório.

Por outro lado, no interior de cada dialeto e do contínuo compreendido entre ambos, encontramos concomitantemente subdialeto que correspondem aos vários grupos que vão se formando e parcialmente vão se delimitando na comunidade lingüística global, constituindo verdadeiros bolsões ou guetos sociolingüísticos com seus respectivos socioletos. As linguagens desses grupos, normalmente rotuladas como linguagens especiais (v. Rocha acima), na nossa perspectiva, são entendidas como autênticas linguagens marginais (denominando-as outros ainda apenas como linguagens “parciais”), por conviverem à margem (com maior ou menor proximidade) das já citadas variantes lingüísticas. Advirta-se, desde logo, que não há, na denominação “marginal”, nenhuma conotação com a chamada “linguagem dos marginais”, nem qualquer avaliação negativa. São linguagens marginais nesse sentido as linguagens técnicas profissionais de médicos, advogados, economistas, técnicos em computação eletrônica, mecânicos etc.; a linguagem *gay*, a linguagem dos jovens, dos *rappers*, *funks* etc.; as linguagens bairristas (como, de bairros típicos paulistanos Bela Vista, Pirituba, Jardins etc.), caracterizadas sobretudo pelo uso específico de gírias ou expressões gírias, algumas das quais com trânsito e entendimento livres entre os grupos. Grosso modo, pode-se dizer que algumas se formam à margem da linguagem culta; outras, à margem da linguagem não culta; e a maioria, à margem da linguagem comum. A estas daremos aqui uma atenção especial, por força dos objetivos que norteiam o presente trabalho.

Começemos por trazer uma opinião *de peso* quanto ao seu emprego como “adorno de estilo” e como recurso eficaz na comunicação espontânea. Essa opinião colhemo-la da personagem de Machado de

Assis, no conto *Teoria do Medalhão*, ao aconselhar o filho que acabava de completar 21 anos:

[...] reduzês o intelecto, por mais pródigo que seja, à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum. Não trato de vocabulário, porque ele está subtentendido ao uso das idéias; há de ser naturalmente simples, túbio, apoucado, sem notas vermelhas, sem cores de clarim...

- Isto é o diabo! Não poder adornar o estilo, de quando em quando.

- Podes; podes empregar [...] Sentenças latinas, ditos históricos, versos bíblicos, brocardos jurídicos, máximas, [...] *Caveant consules* é um excelente fecho de artigo político; o mesmo direi do *Si vis pacem para bellum*. Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício: seria desnaturar-lhe as graças vetustas. ***Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil.*** (Assis 1963:18-21)  
(negrito nosso)

Nessa linha de raciocínio, é importante também lembrar a constante interpenetração e interferência entre as diversas variedades ou dialetos, inclusive entre as linguagens marginais, ao se ter em mente a permanente interação que há entre os falantes desses grupos, seja em razão do seu convívio nos transportes, nos locais de trabalho, etc., seja por força do acesso ao rádio, TV, jornais etc., como já advertia Rocha (1963) há quase 60 anos atrás, em relação à sociedade da época. Basta cotejar os diversos levantamentos de que se tem notícia sobre essas linguagens para observar a freqüência de coocorrência de uso de várias expressões entre as referidas linguagens, e entre elas e a linguagem comum ou corrente, e até na norma curta, ficando muitas vezes muito difícil identificar a área de origem: *deu zebra* (dos bicheiros), *fazer fita* (encontrada entre usuários e traficantes de drogas, mas também já exemplificada como língua popular, em 1960, pelo já mencionado Rocha, *dar um chapéu*, *entregar a rapadura*, *com a bola toda*, *pisou na bola*, *pendurar as chuteiras* (da área futebolística), *grande tacada* (da sinuca), *jogar a toalha*, *jogo de cintura* (do box), *dar brecha* (skatistas), *jogar um vício*, *pela coroa de Dadá* (travestis, usuários de drogas) etc. , sem falar das áreas consideradas da elite, como direito, economia, medicina,

literatura etc. Aliás, nesse sentido, registramos a reflexão de Tognolli, isto mais recentemente, em 2001:

[...] Embora certos termos tenham surgido em esferas sociais muito restritas e - depois de ampliados pelos meios de comunicação - tenham sido colados à norma culta, sabemos que as expressões da linguagem podem sair das claques esotéricas e passar para o vulgo como também podem sair do vulgo e repentinamente fazer parte de discursos grandiloquentes [...] (Tognolli 2001:147-8)

No eixo dessas considerações, entendemos oportuno destacar a questão das práticas sociais manifestadas pela língua “falada” e língua “escrita”. Já fizemos atrás referência rápida a aspectos articulatórios da fala, seja culta ou não culta. Mas sentimos necessidade de retomá-las.

Fala e escrita apresentam ambas características, estratégias e recursos típicos exclusivos, e características, estratégias e recursos não exclusivos, que coocorrem nas duas modalidades, com maior ou menor frequência e recorrência em uma ou em outra. Só para justificar a asserção, pode-se indicar como uma propriedade típica da fala a sua substância sonora e, paralelamente, como uma propriedade típica da escrita a sua substância gráfica. Esta é uma distinção que é feita sob o critério do “meio” de produção. (Urbano 2006)

Porém, muitas características, estratégias e recursos coocorrem nos diversos gêneros e textos verbais, falados ou escritos, em graus variados, dentro do que se pode chamar um contínuo genérico e/ou textual. Trata-se de uma observação que se faz ao considerar o critério complementar, porém básico, da “concepção” da produção textual, isto é, concepcionalmente falados ou concepcionalmente escritos. (Urbano op. cit.) Sob esse critério, consideramos os textos híbridos; ora mais próximos da informalidade oral, ora mais próximos da formalidade escrita.

Em termos de recursos expressivos, alguns ocorrem com maior frequência e recorrência na língua falada, outros ocorrem com maior frequência e recorrência na língua escrita. Mas no presente artigo deixaremos de fazer um aprofundamento maior nessas questões.

Dentre os vários recursos, que compõem o texto falado, concepcionalmente considerado, estão os ligados à chamada “fraseologia popular”, em que se incluem gírias, ditados, expressões formulaicas, idiomáticas ou não, clichês, chavões, *slogans*, provérbios, entre múltiplos outros. Esses recursos, grosso modo, enquanto “frases feitas”, são *farinha do mesmo saco*. Quando incorporados ao texto escrito, revelam, por si sós, índices de representatividade da oralidade no texto escrito.

Todavia, tal é sua freqüência e recorrência na boca e no ouvido do povo que podemos dizer com convicção que são traços componenciais e identificadores da fala popular.

Entre todos, propomo-nos focalizar o uso das “frases feitas” particularmente considerados aqui apenas os provérbios e expressões idiomáticas, partindo do princípio de que se trata de elementos de criação e circulação freqüentíssimas na voz do povo. Caracterizam-se mesmo como um índice significativo da linguagem popular, embora não lhe seja de propriedade exclusiva, de vez que aparecem com certa freqüência no texto escrito, de modo esporádico ou mais planejado e estrutural, com maior ou menor fidelidade às formas originais ou retextualizadas, como veremos adiante. São encontradas então tanto na formulação e colorido da linguagem popular, quanto na linguagem escrita, mas com tons e freqüência normalmente bastante diferentes.

Na presente abordagem pretendemos particularmente demonstrar aqui esse trânsito da fala popular para o texto escrito literário ou não, erudito ou não e a freqüente coocorrência dessas expressões na fala popular e escrita. Consideramos, no particular, a fala popular como fonte e lugar natural de criação e uso desses recursos, em geral surgidos anonimamente. E esse fato já é particularmente uma característica ponderável para a caracterização desses recursos. Daí que seu emprego na escrita, ainda que, com certa freqüência, deva ser considerado um uso mais ou menos excepcional, forçado e artificial.

Há que se imaginar que as expressões e provérbios, de modo geral, são criados ou acontecem no seio do povo em situações concretas, portanto, com significado denotativo, e, logo, ou com o transcorrer do tempo e das situações, esse significado vai se metaforizando... Mais objetivamente pode-se imaginar — mas só imaginar — a trajetória de uma expressão ou provérbio da fase embrionária do seio popular à vida plena da seguinte forma: são formulados em situação concreta quanto ao fato, mas imprecisos quanto às circunstâncias (como os enunciadores e co-enunciadores — gente do povo, porém não particularmente identificada — mais as circunstâncias de tempo, lugar etc.). De fato, aceita-se sua origem popular — que é a regra.

Pensemos, por exemplo, na expressão ou provérbio *Onde passa um boi passa uma boiada*: criada numa situação concreta de passagem de bois por uma ponte estreita. Depois é usada em situações semelhantes e ainda com algum sentido mais ou menos denotativo. Em seguida é empregada em eventos em que a idéia original funciona, mas a situação e os referentes já estão bastante distanciados. Foi o que aconteceu em documentário de TV sobre o Himalaia, em 12/9/08: a expressão *Onde passa um boi passa uma boiada* foi usada pelo repórter, mais ou menos, ou parcialmente, com significado denotativo, ao comentar a passagem de

alguns bois — não uma boiada — por uma ponte estreita: passado o primeiro, passaram os demais... Com efeito, ideada em situação popular concreta, o próprio povo alarga seu sentido e situações de uso, dificilmente podendo-se recuperar sua origem particularizada.

Outro caso, este de origem, motivação e objetivo identificados, é a expressão extraída do provérbio bíblico *os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos*, proferido por Jesus como fecho da parábola dos operários contratados em horas diferentes para trabalhar na vinha de um patrão que ao final da jornada pagou igualmente os primeiros, que trabalharam cinco horas, e os últimos, que trabalharam apenas uma hora. Empregada hoje como máxima, seu contexto mais comum seria: “Não adiante se apressar: *os últimos serão os primeiros* ou, como ouvimos recentemente (setembro/2008) de um concorrente em programa do Canal 9 — REDETV, em setembro de 2008, argumentando em favor do seu desempenho num jogo de respostas.

Na realidade, de modo mais ou menos sistemático, admitimos que o trânsito dessas expressões e em particular provérbios, se dão da fala para a escrita de várias formas.

Apenas para ilustrar um tipo de trânsito, que os estudos de intertextualidade registram com frequência, observemos o ocorrido com a conhecida frase “Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia” proferida por Hamlet, de Shakespeare. Ela transita para a narração de Machado de Assis, que a coloca, no seu conto *A cartomante*, na boca da personagem Rita, que a profere “por outras palavras”:

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando esta ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

Da literatura original de Shakespeare (*There are more things in heaven and earth, Horatio, than are dreamt of in your philosophy*), passando para a literatura parasitária de Machado de Assis, chega-se à História em Quadrinhos, que é texto de circulação e cunho mais popular. Com efeito, já Jô Fevereiro (2006) e depois Flávio Pessoa e Maurício Dias (2008) reusam a reflexão shakespeariana, ao retextualizarem o conto *A cartomante* no gênero HQ.

Em questão de trânsito, é oportuno lembrar desde logo o intercâmbio entre categorias paremiológicas. Assim é comum um segmento de provérbio ser usado como expressão (*devagar com o andor ou os últimos serão os primeiros*, como acabamos de observar.)

Feita mais essa ilustrativa e comprovadora digressão, voltamos ao nosso objetivo principal, isto é, a demonstração da incorporação desses recursos pela escrita, seja no uso esporádico, disperso, seja no uso planejado, estruturalmente episódico ou global.

Antes, porém, de continuar, deixamos claro que, ao pensar em fraseologia popular, estamos pensando no uso das chamadas frases feitas, usando esta expressão como termo guarda-chuva, no qual se incluem locuções ou expressões cristalizadas, idiomáticas ou metafóricas, enunciados proverbiais etc., desde as mais simples e ingênuas como: *comigo não violão*, até as mais complexas, como: *tirar o pai da força*, *trocando em miúdos*, *com a boca na botija*, *nem que a vaca tussa*, *estar com o bicho carpinteiro*, *o pior cego é aquele que não quer ver* etc.

São provérbios, ditados, lugares-comuns, circunlóquios populares que agilizam e dão colorido e expressividade às frases dos falantes, quando em situações distensas e descontraídas, discorrendo sobre temática utilitária ou livre do cotidiano, por meio de linguagem totalmente informal, espontânea e despolicada.

Sem dúvida, seu estudo é cativante, pela curiosidade que desperta e pela riqueza e criatividade de suas metáforas e como fonte de enriquecimento da própria língua como um todo. São vinculadas sobretudo ao cotidiano vivenciado pelo povo, espelhando sua índole, sua inocente e perspicaz sabedoria e os aspectos existenciais de sua própria vida.

Como recursos gerais, correntes e funcionais da língua, as frases feitas compreendem na verdade não só o que estamos entendendo como provérbios e particularmente expressões idiomáticas metafóricas, mas também inúmeros outros tipos de seqüências formulaicas, desde expressões de teor gramatical até clichês, passíveis estas muitas vezes de condenação, mesmo na linguagem coloquial.

Como expressões fixas, que cristalizam formas e funções gramaticais, podemos lembrar as locuções conjuntivas, prepositivas, certas perífrases, como *ao acaso*, *quer dizer*, *por exemplo*. *às claras*, *de quando em quando*, *pouco a pouco* etc. Como seqüências semânticas, pragmáticas, mais ou menos fixas, simplesmente denotativas, podem ser apontadas *lucros e perdas*, *custo benefício*, *mundos e fundos*, *amigo íntimo*, *cartão de crédito*, *da à luz*, *entrar em vigor* etc. Muitos desses circunlóquios, de feição erudita, são muitas vezes considerados viciosos e devem ser evitados na redação mais formal. Entretanto, na linguagem popular tem aceitação freqüente, como *em torno de / a respeito de* (=sobre), *apesar do fato de* (=embora), *fazer a contagem* (=contar), *absolutamente perfeito* (=perfeito), *evidência concreta* (=evidência), *em metades iguais* (em partes iguais) etc.

Como metáforas simples de sabor realmente popular, apontam-se: *com um pé nas costas*, *manteiga derretida* entre outras. Finalmente cabe registrar as expressões tipicamente idiomáticas, como *bater as botas*, até a formulação de máximas sobre comportamento, como *confiar desconfiando*, *comer o pão que o diabo amassou* e outras, perenizadas em frases e provérbios.

Se de um lado é fascinante a observação desses recursos, pela infinidade, riqueza de aspectos e seu sabor popular, por outro, trata-se de fenômenos tão ricos de possibilidades de enfoques, que só um grande projeto e, quicá, uma grande equipe poderiam tentar esgotá-los. Aqui vamos apenas demonstrar, sem análises mais profundas, o trânsito desses recursos, do ambiente falado popular para o escrito literário ou não (culto, formal, ou não), à semelhança do que fizemos em relação ao uso específico de provérbios. (Urbano 2002)

Até agora introduzimos o objeto a ser focado: expressões convencionais idiomáticas e/ou metafóricas e provérbios de origem e/ou uso popular; falamos das hipóteses de sua criação, do seu trânsito e circulação e algumas questões subjacentes oportunas. Mas, mesmo dentro do nosso limitado objetivo, algumas questões ainda preliminares se impõem, embora com abordagens ligeiras.

Uma primeira abordagem refere-se aos próprios “conceitos”; no caso circunscritos ao de “expressões populares” e “provérbios”, que aparentemente transitam sem contestação, mas que são realmente de difícil consenso.

Assim, só *para botar lenha na fogueira* (para usar um ditado popular), há quem discuta o emprego dos termos “frase” ou “expressão”, reservando frase, para quando há implicação de estrutura oracional, como de modo geral nos provérbios, e expressão quando não. Quanto ao termo “feita”, qualificando frase ou expressão, entendemo-lo como significando construção mais ou menos fixa e cristalizada, grosso modo imutável no seu uso.

Outro conceito que merece reflexão é o conceito de “idiomático”, referindo-se às expressões idiomáticas. Expressão idiomática é uma expressão, cujo significado não é transparente e cujas palavras componentes não se somam para compor seu sentido global, como é o caso de *bater as botas*, *gato pingado* ou *descascar um abacaxi*, significando, respectivamente, “morrer”, “pessoa sem importância” e “resolver um problema”.

Particularmente em relação às expressões idiomáticas, trazemos ainda à consideração algumas das felizes observações de Luiz Costa Pereira Junior, que sugerem reflexões também sobre os provérbios:

As expressões idiomáticas são fórmulas coletivas porque portadoras de vivências muitas vezes imemoriais de uma

coletividade. É uma forma de acesso à história do pensamento de um país, pois não são traduzíveis para outros idiomas. Diferentes dos provérbios, cuja intenção é didática e moralizante, os idiotismos escapam ao interesse de ensinar condutas.

Assim como os provérbios, expressões são frases feitas que se tornam tradicionais, mas diferentes deles, não lhes é atribuída autoridade ou ares de sabedoria antiga. [...] Expressões idiomáticas podem ser dúbias e jocosas (como “molhar o biscoito” e “queimar a rosca”) diretas e coloquiais (pau na máquina), verbais ou substantivas (acerta na mosca, mal sem alça), mas sempre metafóricas [...] sua propriedade lexical é a atemporalidade. (Rev. *Língua Portuguesa* 15)

Embora se diga que escapa ‘as expressões o interesse de ensinar condutas, cremos que, embora sem esses objetivos específicos, é freqüente a ocorrência dessa postura. (Atentar adiante: *azar no jogo sorte no amor; a carne é fraca* etc.).

Especificamente em relação à noção de provérbio, além de reportamo-nos às referências, por comparação e exclusão, até agora assistematicamente feitas, remetemos o leitor, para maiores aprofundamentos, ao nosso trabalho “usos e abusos de provérbios, publicado em 2002, nas coletâneas do Projeto NURC/SP.

Uma questão que costuma ser intrigante, já esboçada de relance atrás é a da “origem” determinada e precisa desses recursos, isto é, quem especificamente os criou, em que circunstâncias e motivação etc.. Ela costuma despertar muita curiosidade, mas normalmente fica sem solução científica, principalmente as expressões tidas como as mais populares, como: *pagar o pato, onde judas perdeu as botas* etc., às quais se atribuem origens imaginosas. Não é uma questão muito pertinente dentro da perspectiva do presente artigo. Ficam, ainda assim, duas observações. A primeira é que, no âmbito das expressões cultas, há mais possibilidade de se atinar com sua fonte, sobretudo no caso dos provérbios, quando, por exemplo, criada pela Literatura. A segunda é a de que julgamos, lingüisticamente falando, muito mais importante observar seu âmbito de uso e circulação e seu efeito comunicativo e expressivo do que propriamente sua fonte criadora.

Outra questão oportuna é o “aspecto formal” das construções, que apresentam características recorrentes semelhantes com muita freqüência, como rimas, ritmo, paralelismo, estrutura binária, prótase e apódose, como em: *sem eira nem beira, aos trancos e barrancos, nunca viu cara de pavio, pé frio coração quente*; ou verbos-suportes, como em *dar uma esfrega, dar a maior bandeira, dar co’s burros n’água*; e, ainda, variantes formais etc., que explicam com certeza o uso tão recorrente no

seio do povo e a motivação muitas vezes do seu aproveitamento artístico pelos letrados.

Também chama atenção o “aspecto temático” envolvido nesses recursos e igualmente as variantes semânticas muito comuns e muito freqüentes em cada seção temática. Assim há expressões e provérbios que podem ser alinhados no campo semântico dos animais, como *comer gato por lebre*, *matar o bicho*, *amarrar cachorro com lingüiça*; do corpo humano, como em *de cabeça para baixo*, *sem pé nem cabeça*; com nomes próprios, como em: *dar uma de Miguel*, *será o Benedito?*; expressões e provérbios grotescos, obscenos, como em *amor de pica fica*; de comportamento, como em *cheio de não-me-toques*, *de papo pro ar*; filosóficos, como em: *azar no jogo sorte no amor*; bíblicos, como *os últimos serão os primeiros*, *a carne é fraca* etc. etc.

Também esses aspectos temáticos costumam chamar a atenção dos letrados, que muitas vezes fazem desses temas temas para seus escritos. (“Na boca do povo, os bichos pagam o pato”) (*Folha de S. Paulo*, 3/2/1985)

Numa outra linha de considerações, mas sempre de interesse estão as expressões e provérbios típicos e representativos de grupos. Entretanto, não pretendemos ir além das poucas reflexões já feitas nesse sentido

Para essas e outras questões, há inúmeros dicionários, glossários e estudos, até em dissertações ou teses. Algumas observações ainda serão feitas ao sabor da demonstração que se fará a seguir, isto é, a trajetória geral das expressões globalmente consideradas.

Tais expressões e provérbios revelam a sabedoria popular, perpetuando e espelhando sua ideologia e vivência, graças à memória discursiva individual e coletiva — esta ainda muito menos identificada e identificável — garantida, de um lado, pela formulaicidade das formas, e, de outro, pela sensibilidade espontânea popular, que, de um modo particular e curioso, as renova, recria e encontra soluções constantes de uso, imprimindo grande expressividade e força a seus modos de pensar e dizer, realizados sem qualquer timidez e preocupação com normas e regras.

E tudo isso, o letrado, enquanto tal, absorve, usa, recria e valoriza nos seus escritos artísticos ou não.

Feitas essas considerações, que valem como premissas ao que demonstraremos, passamos a exemplificar, por amostragem, diversos usos, reenunciações e eventualmente retextualizações de expressões idiomáticas e/ou metafóricas e provérbios em textos escritos, literários ou não, dispensando-nos de análises discursivas especiais, muito oportunas por sinal, mas que exigiriam demoradas abordagens e espaço.

O único critério na amostragem é a seleção de textos escritos medialmente considerados, isto é, manifestados graficamente, independentemente de apresentarem ou não características híbridas de texto concepcionalmente falado. Incluem-se os textos originariamente escritos, ainda que com vista a posterior oralização, como telenovelas, telejornais, peças de teatros e que tais.

Por outro lado, apresentaremos os referidos textos com certa ordem crescente de formalidade e complexidade, num amplo leque de exemplificação dos usos. As expressões e provérbios serão reproduzidos em itálico.

Com a premissa de que a generalidade das expressões e provérbios, como nós os apresentamos, tem sua fonte e uso na língua falada popular, o exemplário que se segue, embora reduzidíssimo, é prova por si só suficiente da expansão, para a escrita, desses recursos, que extrapolam os limites da língua falada popular e chegam aos textos escritos de diversos tipos e níveis, inclusive cultos e literários.

Começamos alinhando pequenos trechos de textos de “dicionaristas”, estruturados de propósito, à guisa de chamarizes para despertar a atenção para o tema e para os seus próprios trabalhos. São textos tipo crônicas, comentários ou diálogos simulados, com função, formal ou informal, de espécies de introduções teórico-temáticas, carregadas de expressões e provérbios, uns mais outros menos.

Adverte-se desde já que, para economia de espaço, as contextualizações serão rápidas, o suficiente apenas para a recuperação da memória dos recursos, exigida para a sua aplicação.

Por outro lado, tentamos um arranjo sumário com letras que sugeram uma classificação superficial em tipos e níveis de textos.

### ***A — Textos como “introdução” de dicionários***

#### **1) Felisberto da Silva — *Dicionário de gíria***

*“Vê se te manca, ó migué. Pra mim esse papo é furado. Se quiseres um papo firme, mora na minha: Eu já puxei um mofo. Já fui, várias vezes cidadão Carandiru. Nunca fui da moleza. Meu negócio era tomar na marra, e nunca dei arreglo a tira ravesso. Já topei cada dança de rato de fechar o tempo. Arribite estourou na minha telha que nem pipocas no tacho. Quase me vestiram o camisolão.*

*Mas hoje tou no cachimbo da paz. Tou limpo com os homens. Dou um duro lavando cavalo cego, para dar uma papa de bom pra minha cachanga e os cagasebo.*

*Larguei mão de ser vago-mestre. Pendurei as chuteiras.” (p.11) <sup>2</sup>*

2) Aristides Fontes Filho, *O dito pelo não dito*: dicionário de expressões idiomáticas:

*“Com sua licença, quero dar o ar da graça e ter dois dedos de prosa para quebrar o gelo e vender o meu peixe. Serei breve, porque sei que tempo é dinheiro e, para bom entendedor, meia palavra basta.*

*Para início de conversa, desde que me conheço por gente, sempre gostei à beça de expressões e sou useiro e vezeiro de aplicá-las nas conversas, tanto que passei a colecioná-las, por conta própria, só para matar o tempo.*

*Foi então que alguns amigos fizeram a minha cabeça para eu editar um livro e eu concordei, mesmo não estando de caso pensado.*

*Eu ia fazer tão somente uma lista de expressões, mas já que estava com a mão na massa, resolvi aproveitar o embalô e incluir também o significado e, de quebra, alguns exemplos, para não perder a viagem. [...]*

*Estive para dizer que, pelo andar da carruagem, eu podia tirar o cavalo da chuva porque o trabalho só iria ter fim quando eu estivesse de cabelos brancos e já pensando em pendurar as chuteiras.”*

3) Ivone de Moura. *Por outras palavras* — Dicionário das frases idiomáticas mais usadas na Língua Portuguesa.

*“- O Gonçalo anda à nora. Tem de pagar 5000 contos até final do ano. Achas que se ele adoçar a boca ao pai consegue uma ajuda ?*

*- O Pai?! Coitado! Também não tem onde cair morto. Fez um negócio com um primo que se abotoou com uns milhares e depois bateu a sola. Era um rico amigo da onça!*

---

<sup>2</sup>Embora sendo um Dicionário de gíria, há inúmeras “expressões” gírias, entre as quais, aleatoriamente, reproduzimos: abafar a banca, abotoar o paletó, abrir a torneira, abrir no pé, abrir o bico, abrir o selo (estrupear), abrir-se que nem para-queda, abrir uma avenida, balançar a roseta (copular), balançar a roseira, bater as botas, bater sujeira, cair a cara, cair do cavalo, cair na lábia, cair no artigo, cair no mangue (prostituir-se), comer bola, dar a dica, dar a pista, dar as cartas, dar bola, dar bola (redonda/quadrada) (futebol), dar com os burros n’água, dar com o nariz na porta. Ademais, só com o verbo “dar” como suporte há mais de 60; com o “estar”, mais de 100; com o “fazer”, mais de 60 etc. etc.)

- Já me lembro. Esse primo *deu água pela barba* a toda a família. Ainda por cima tinha a mania de *armar em carapau de corrida*: ele era o mais esperto, ele conhecia toda a gente, ele é que sabia investir.

- Foi assim que ele convenceu o pai do Gonçalo que é *um banana*, a entrar num *negócio das arábias*. Que era *canja*: Em menos dum *fósforo* teriam um lucro de milhões. Era a *árvore das patacas*. Entretanto pôs-se a *gastar à tripa forra* e o dinheiro foi-se *enquanto o diabo esfrega um olho*. O pobre do senhor ficou a *ver navios* e o nome da família *andou para aí nas bocas do mundo*."

**B** — Alinhamos em seguida trechos de artigos leves fundamentados ou fundamentando a exploração do tema:

1) - "Na boca do povo, os bichos ***pagam o pato***

"[...]. Naturalmente, a pessoa irá procurar as respostas nos livros especializados de folclore. Mas *vai cair do cavalo* e se sentir *no mato sem cachorro para levantar essa lebre*. É que "não se pode conseguir provas científicas da origem das formas de linguagem popular, pois não há registro", explica o professor de folclore da ECA, Clovis Garcia." (*Folha de S. Paulo*, 3/2/85)

2) Revista *LÍNGUA PORTUGUESA* 31

NA INTERNET — "Papo impessoal"

"A conversa abaixo não é verídica. Mas quantas vezes você não ouviu papo parecido no ônibus, na fila do banco ou no salão de beleza? O pior é pensar que a gente esmo já deve ter dito esse monte de lugares-comuns e expressões populares. *O roto falando do rasgado*.. Ops!

- *Ela plantou o que colheu, né?*

- Pois é, eu avisei que *Deus tava vendo*. *Tem sempre que fazer o bem sem olhar a quem*...

- Agora ela *vai comer o pão que o diabo amassou*. Mas *teve o que mereceu: aqui se faz, aqui se paga*.

- Ela deveria saber que da vida nada se leva; e o que é da gente *tá guardado*. Mas, não! Preferiu o que era *mamão com açúcar*... E pensar que ela *estava com a faca e o queijo na mão*... Judiação!

- *Cutucou a onça com a vara curta. Aí não tem jeito. Mas nada como um dia após o outro, viu. A Justiça tarda, mas não falha... O pior cego é aquele que não quer ver.*  
- *Bom, vamos em frente que atrás vem gente. Ema, emma, emma, cada um com os seus problemas.* (Língua Portuguesa 31, p. 64)  
- *Ai, não fala assim que Deus castiga! Cuidado, hein, quem com ferro fere, com ferro será ferido, minha mão já dizia:*  
- *Cuidado? Eu? Sou macaco velho. E macaco velho não bota a mão na cumbuca, não.* (p.64)

### C — Textos científicos

Na seqüência, registramos trechos de textos de cunho científico não ligados à temática sob discussão, que, de forma esporádica, mas conscientes e propositais não se furtam a registrar tais recursos:

1) Segismundo Spina, Aula inaugural 1996 — “Uso e abuso da linguagem: a vacuidade sonora”

“(perder a melhor seta)” (p. 5); “(...) referindo-se ao discurso que vai de galo a asno.” (p. 6); “O poeta, quando compunha os seus versos, tinha os pés no chão.” (p. 11)

2) Beth Brait, 1995 — “O processo interacional” —

“O ditado *Quando um burro fala, o outro murcha a orelha é, em outras palavras, uma norma conversacional: fala um de cada vez.* (p. 207)

3) Marli Quadros Leite, 2008

“[...] ditado popular: *dois pesos e duas medidas* para medir peças idênticas: foi injunto e intolerante” (p. 13)

### D — Noticiários jornalísticos

Notícias e reportagens são muitas vezes introduzidas nos jornais, principalmente os chamados populares ou popularescos, ainda em revistas, por meio de títulos e manchetes, baseados em provérbios ou segmentos de provérbios, presos normalmente a realidades concretas, contendo por isso sentidos denotativos, quando não são subvertidos semântica e/ou formalmente. Das inúmeras ocorrências de nosso arquivo pessoal e de outros pesquisadores, relacionamos apenas algumas de forma ligeira.

- 1) *AGORA: Onde há fumaça...* 26.5.2001,
- 2) *Folha de S. Paulo: Devagar com o andor*, 13.7.2000,
- 3) *Folha de S. Paulo: Gato escaldado idem*, 20.7.2000 e 30.7.2000;
- 4) *Notícias Populares: Alegria de mais é bobagem* (adaptação de *Desgraça pouca é bobagem*), 13.7.2000,
- 5) *Notícias Populares: Enquanto a cidade de São Paulo está caindo aos pedaços*, a Prefeitura está gastando. 27.07.91
- 6) *Notícias Populares: A Dataprev, empresa que cuida dos computadores da Previdência, bagunçou o meio campo*, e [...] (Ana Rosa, p. 67, refere ainda mais 19 ocorrências, 29/6/91,

Entre algumas pesquisas que fizeram levantamentos de expressões e provérbios, consultamos dissertações e teses, como de Costa (2007), Nóbrega (2008), Durante (2008) e Dias (1996), entre outros. Cláudio Tognolli, por exemplo, com suas pesquisas na Revista *VEJA*, compôs um dicionário com mais de 500 lugares-comuns, praticamente só de expressões cristalizadas, sendo mais de 80 de cunho e nível populares, embora a maioria traduza sentido denotativo. Contudo há também expressões metafóricas.

#### **E — Textos escritos para serem lidos ou oralizados**

##### **1) Telejornal**

*“Deus ajuda quem cedo madruga. O Palmeiras convocou seus jogadores para um treino cedo (...)”* (Bloco noticioso sob o título acima, Esportes, TV - Globo, 11/6/2001)

##### **2) Diálogos em novelas**

Há inúmeros exemplos; ficamos apenas com alguns dos mais recentes:

- a) *Carlota: Enquanto houver vida, há esperança. Quem não arrisca não petisca.* (*Estrela Guia*, TV Globo, 9.6.2001);
- b) *Poleti: Quem sai na chuva se molha... Quem brinca com fogo se queima.* (*Um anjo caiu do céu*, TV Globo, junho julho 2001):

#### **G — Textos literários de vários gêneros, níveis e natureza**

Na seqüência arrolamos trechos de textos que rotulamos, grosso modo, de literários. Incluem trovas e poemas, diálogos e vozes de

narradores de contos e romance. Em estudos, no futuro, poderão ser devidamente classificados e analisados com profundidade.

Além deste exemplário sistematicamente feito, há inúmeras abonações nos dicionários (*AURÉLIO*, entre outros)

### 1) — Trovas e poemas

- a) *Nos vendem gato por lebre* (Camões);
- b) *Cada qual como Deus fez!* (Soares Bulcão);
- c) *Quem foi rei tem majestade...* (B. Silva);
- d) *Não mói com água passada / O moinho* (Alberto de Oliveira);
- e) *Pois quem nunca comeu mel / Quando come se lambuza* (Sinó Pinheiro);
- f) *Quem espera sempre alcança* (Teófilo Braga e João do Minho)
- g) *Quem dá aos pobres empresta a Deus* (título de poesia) mais: [...] *Das priscas eras* que bem longe vão (Castro Alves)
- h) *Brasileiro estrangeiro ou estrangeiro brasileiro ?*  
Culturalmente confuso / Brasileiro é aculturado / Líbio, libanês, árabe, turco / *Acha farinha do mesmo saco* (Itamar Assumpção e Naná Vasconcelos, 2007)

Neste exemplário de poemas, não pode faltar a tão citada letra e música de Chico Buarque de Hollanda, *Bom Conselho*, de que transcrevemos alguns versos referentes a provérbios, todos subvertidos:

“[...] Ou você se cansa / Está provado / *Quem espera nunca alcança* / Ouça, meu amigo / Deixe esse regaço / *Brinque com meu fogo* / *Venha se queimar* / *Faça como eu digo* / *Faça como eu faço* / *Aja duas vezes antes de pensar* [...] *Devagar é que* / *Não se vai longe* / *Eu semeio o vento* / Na minha cidade / Vou pra rua e bebo a tempestade”

### 2) — Diálogos e narração literários

Alguns autores são citados graças aos estudos constantes na coletânea organizada por Pinto (1994)

- a) “[...] Bacanaço batia-lhe [na mulher]. Nas surras habituais, o porteiro da pensão da Lapa surgia, assustado. Bacanaço o encarava:  
- Olhe, camarada: *entre marido e mulher ninguém bote a colher.*”

(João Antônio, *Malagueta, Perus e Bacanaço*)

João Antonio é um dos autores muito referidos em questão de uso de provérbios e expressões, inclusive em teses (Cabello 1988). Apontamos mais duas passagens:

“- Papagaio come milho, periquito leva a fama e O afobadinho come cru (adaptado de *O apressado como cru*)”

b) “- Então, Dona Maria? Quem foi rei sempre tem majestade...”;

“- Está bem; o passado já lá vai: Deus é assim, escreve direito por linhas tortas.” (Manuel Antonio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*)

c) 1) “- As aparências enganam. Aproveita, pois, a lição e fica sabendo que - Quem vê cara não vê coração. (Monteiro Lobato, *O ratinho, o gato e galo*);

2) “rapaz de todo pancada “ (*Urupês*, p. 34); “ milho está que está alvejando (*Urupês*, p. 78)

d) 1) “- Quem nasceu para polca não chega a tango argentino - Quem pega bala na popa não chega a tabelião”

(Carvalho, *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon*);

2) “- Sem tirar nem pôr (José Cândido de Carvalho, *O coronel e o lobisomem*)

e) “nesta história tem gato escondido, Deus dá nozes a quem não tem dentes; Meta a mão na cabeça que quiser, não eu; Pregar serão em outra freguesia; Quando os urubus aparecem é sinal decarniça; Sem prometer mundos e fundos; Por fora Senhor São Bento, por dentro pão bolorento”

Estes são alguns provérbios e expressões constantes num levantamento sobre Jorge Amado feito pela Revista *Língua Portuguesa* 33, p. 28-32.

f) “A ocasião faz o furto”

Trata-se de interessante apuração feita por R. Magalhães Jr., no seu *Dicionário de Citações Brasileiras*, p. 249, sob o verbete “Provérbio corrigido”, onde se refere ao capítulo de Machado de Assis, em *Esau e Jacó*, intitulado “Provérbio errado”, no qual se pretende corrigir o provérbio *A ocasião faz o ladrão*.

Ainda com referência a Machado de Assis, apuramos, em recente trabalho, (Urbano 2008), algumas frases feitas ou circunlóquios, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a saber

"[...] *do fundo do meu sepulcro; Em verdade vos digo que; [...] embarcar ou não embarcar. Esta era a questão.*"

g) "*Tirar-me a palavra da boca*";

"*Tenho marombado, espiado maré, porque o chefe era ele. Mas se foi ao barro, acabou-se.*"

"*Bom advogado, negócios direitos, um um, não não ((pão pão queijo queijo...)); mas no gênero mulher é uma rede, não deita água a pinto.*"

Todas de Graciliano Ramos em *São Bernardo*. E mais, em *Vidas Secas*, registramos:

"*Saíra-se com quatro pedras na mão, apitava*";

"*Homem bom, Seu Tomás da bolandeira, homem aprendido. Cada qual como Deus o fez. Ele, Fabiano, era aquilo mesmo, um bruto.*"

h) "*Mas aí está: esta história não tem nenhuma técnica, nem de estilo, ela é ao deus dará.*" (Clarice Lispector, *Hora da Estrela*, p. 45)

i) "*água-que-pasarinho-não-bebe; derramar gole pro santo, quando pulga mordeu ele atrás da orelha; abrindo larga avenida na referida cara; tinha é que meter os peitos senão [...]; Evêmero bateu a bota em mil-novecentos-e-quarenta-e-dois; Metendo uma ginga; e lhe dou um baile; tirou a forra; Será o Benedito?; toda a vida; - Que tem isso com o peixe; - Quando a pilantragem via ela dava os pirantes (...), vinham puxar saco; - Virou mexeu mexeu virou a gente se atracamos [...]; acabou entregando os pontos; - pra depois correr o chapéu pedindo uns níqueis. Antonio Fraga (1999)*

*Desabrigo e outros trechos* pode ser considerada uma obra da chamada Literatura Marginal, em que podem ser incluídos *Quarto de Despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus, a qual tem inclusive um livro publicado com o título de *Provérbios; Testemunho da Cidade de Deus* (1966/70, de João Antônio; *Literatura Marginal*, de Reginaldo

Ferreira da Silva (Ferrez) e outros; todos carregados de expressões extremamente populares, até vulgares.

### 3) — Teatro

O panorama que pretendíamos apresentar não ficaria suficientemente representado, se não incluíssemos alguns textos de *scripts* teatrais.

Assim, fazemos referência ao menos a duas conhecidas peças, a segunda das quais, de Arthur de Azevedo, especificamente planejada, estruturada e montada sobre provérbios, sobretudo arcaicos, da qual transcrevemos apenas pequenos trechos:

- a) “*pescar coração de moça* (p. 19)      *ficar todo derretido* (p. 25)  
    *fazer história de negro* (p. 73)      *arrastar a asa* (p. 117)  
    *cabecinha de vento* (p. 177)      *de um pulo* (p. 14)”  
    *ter pena de pau* (p. 17)      (José de Alencar, *O Demônio Familiar*)

- b) *Amor por Anexins* (diálogo entre Inês, I, e um seu pretendente, P)

“[...]

I - Esse senhor tem na cabeça um mundo de adágios... basta!

P - *O que abunda não prejudica*

I - Bem... bem. Para maçadas basta. (mude-se?)

P - *Os incomodados é que se mudam*

I - Mas eu estou em minha casa, senhor

P - *Descobriu o mel de pau ?*

I - Irra! Se o meu noivo viesse aqui... ele que jurou *dar cabo* do primeiro rival que/

P - *Cão que ladra não morde...* e eu sou homem, tenho força e

[...]

I - *Ponha-se ao fresco!* Eu:: preciso sair, eu tenho o que fazer lá fora

P - e eu tenho o que fazer cá dentro. Olhe, senhora. Olhe bem pra mim. Acha-me feio, não acha?

I - Ai ai ai ai ai ai:::

P - Eu também acho e *feliz é o doente que se conhece*. Mas muitas vezes *as aparências enganam* e o *hábito não faz o monge*. (ajoelha-se) Case-se comigo.

I - Gentes!”

## H — Crônicas

As crônicas parecem ser o lugar privilegiado de acesso de expressões e provérbios, objetivando efeitos de sentido de coloquialidade argumentativa. Há crônicas leves, outras mais profundas; umas mais livres, outras de cunho científico; algumas de nível mais culto, outras até de nível vulgar. Vejamos uma pequena amostragem, entre as inúmeras levantadas.

a) Começamos com um trecho de uma que pode ser considerada como mais uma obra representante da mencionada e hoje muito discutida Literatura Marginal:

*“Preto, quando não caga na entrada, caga na saída.; Negro de luva, sinal de chuva.; Branca para casar, negra para trabalhar e mulata para foder.; Branco correndo é atleta, negro correndo é ladrão.; Negro, quando pinta, cento e trinta.; Em terra de cego, quem tem um olho é rei. ((o autor da crônica é cego)) Em terra de cego, quem tem um olho é caolho.; Em terra de olhos, quem tem um cego... errei!; O pio cego é aquele que não quer ver” ( p. 9)*

*“Se non é vero, è bem trovato” (p. 19) (Glauco Mattoso, 2008)*

b) *Antigamente* (trata-se de uma longa e conhecida crônica de Carlos Drummond de Andrade, sendo o trecho abaixo apenas parte do 1º. par.)

*Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos, completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva - ir pregar em outra freqüesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da forca, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesses entrementes, esse ou aquele embarcasse em canoa furada.*

Drummond parece que tinha uma paixão especial por expressões e provérbios. José Pereira da Silva arrolou mais de 100 frases feitas no conjunto de suas crônicas.

c) Finalmente transcrevemos três dos cinco parágrafos da crônica de Carlos Heitor Cony, toda vazada com provérbios tradicionais e o

último retextualizado, a qual mereceria uma análise especial lingüístico-discursiva, se esse fosse nosso propósito no presente trabalho.

*RIO DE JANEIRO — Tristezas não pagam dívidas. Não adianta chorar sobre o leite derramado. Mais vale um pássaro na mão que dois voando. Diga-me com quem andas e te direi quem és. O homem é aquilo que come. A cavalo dado não se olha a boca. Um é pouco, dois é bom, três é demais. Quem pariu Mateus que o embale.*

*Não se faz omelete sem quebrar ovos. Quem parte e reparte fica com a maior parte. Tudo como dantes no quartel de Abrantes. Vai-se o anel, mas ficam os dedos. De grão em grão a galinha encheu papo. Cão que ladra não morde. Devagar se vai ao longe. Apressado come cru. Deus ajuda a quem cedo madruga. Ri melhor quem ri por último.*

[...]

*O inferno são os outros. Em boca fechada não entra mosquito. O bom cabrito não berra. Quem vai para a chuva é para se molhar. O bom filho à casa torna. De poeta e louco todos temos um pouco. Fiado só amanhã. Galinha velha dá bom caldo. Depois da tempestade vem a bonança. Depois da bonança vem a tempestade. Boa romaria faz quem em casa fica em paz. A mentira tem pernas curtas. Antes dos grampos, só as paredes tinham ouvidos. (Folha de S.Paulo, 31/7/08: Opinião)*

As reflexões sobre um componente ponderável da língua, reconhecido na proliferação constante de expressões e provérbios, faz-nos partir da linguagem falada popular, que é a linguagem viva e dinâmica, e seu ambiente natural, e chegar à língua escrita dos mais diferentes níveis.

Poderia à primeira vista parecer que a língua escrita, sobretudo a culta e formal, mantivesse uma espécie de preconceito e pudor inibitório na aceitabilidade e uso desses recursos, principalmente os considerados mais populares. Todavia o levantamento feito, embora muito pálido frente à ampla gama de usos desses recursos pela língua escrita, em particular a literária, revela o fértil filão que os artistas da palavra encontraram e encontram na riqueza e expressividade dos provérbios e expressões de feição notadamente popular.

Mais uma vez revela-se a riqueza de possibilidades dos estudos da linguagem como um todo e a riqueza da própria linguagem, no seu fluir contínuo da fala para a escrita.

Na realidade, a língua falada popular não emigra para a língua escrita: ela amplia-se e abarca a escrita culta. Vai do folclore à cultura,

sem deixar de permanecer folclórica, porque, além do mais, o erudito é gente do povo; e essa cultura, de modo geral, portanto, permanece no povo.

### Referência Bibliográfica

- AZEVEDO, Arthur N.G. *Amor por anexins*. Lisboa: s/d.
- ASSIS, Machado de. 1963. *Contos Escolhidos*. São Paulo: Edições Miniatura, v. IV.
- BRAIT, Beth. 1995. O processo interacional. In: PRETI, D. (org.). *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: FFLCH/USP/Humanitas.
- CABELLO, Ana Rosa Gomes. 1988. *A gíria como linguagem literária em contos de João Antônio*. Bauru: Universidade Sagrado Coração.
- COSTA, Arlete Mendes. 2006. *Expressividade em frases feitas: uma análise da peça Burundanga de Luís Alberto de Abreu*. Dissert. de Mestrado, FFLCH/USP
- CRUZ, Antônio de Abreu. 1960. Aspectos comunicativos da Língua. *Alma Mater* 5-6, Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte: Ed. São Vicente.
- DIAS, Ana Rosa Ferreira. 1996. *O discurso da violência — as marcas de oralidade no jornalismo popular*. São Paulo: Cortez.
- DURANTE, Denise. 2008. *Entre a fala e a escrita: a representação da oralidade como estratégia argumentativa em anúncios publicits*. Doutorado FFLCH/USP.
- FEVEREIRO, Jô. 2006. *A cartomante*. São Paulo: Esc. Educacional. Coleção Literatura Brasileira em Quadrinhos.
- FONTES FILHO, Aristides. 2006. *O dito pelo não dito: dicionário de expressões idiomáticas*. São Paulo: Libra Três.
- FRAGA, Antonio. 1999. *Desabrigo e outros trechos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- FUSARO, Karin. 2001. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Panda
- LEITE, Marli Quadros. 2008. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto.
- MAGALHÃES Jr., Raimundo. 1974. *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*. Rio de Janeiro: Ed. Documentário.
- MATTOSO, Glauco. 2008. Porca miséria! *Caros Amigos* 134.
- MOURA, Ivone de. 1955. *Por outras palavras — Dicionário das frases idiomáticas mais usadas na Língua Portuguesa*. Lisboa: Leão.
- NÓBREGA, Marlene Assunção. 2008. *Quando os provérbios dão a manchete: a oralidade no texto jornalístico escrito — O caso Jornal da Tarde*. Tese de Doutorado, FFLCH/USP

- PESSOA, Flávio *et al.* 2008. *A cartomante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- PINTO, Edite Pimentel (org.). 1994. *O escritor enfrenta a língua*. São Paulo: FFLCH/USP
- \_\_\_\_\_. (org.). 1978. *O Português do Brasil: textos críticos e teóricos*. 1 — 1820 — 1920. Fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. São Paulo: Edusp.
- \_\_\_\_\_. (org.). 1981. *O Português do Brasil: textos críticos e teóricos*. 2 — 1920 — 1945. Fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. São Paulo: Edusp.
- REVISTA Língua Portuguesa 15. São Paulo: Editora Segmento, agosto/2007.
- \_\_\_\_\_. 31. São Paulo: Editora Segmento, meio/2008.
- \_\_\_\_\_. 33. São Paulo: Editora Segmento, junho/2008.
- SILVA, Felisberto da. 1974. ***Dicionário de gíria*** — 5ª ed. São Paulo: Prelúdio
- SPINA, Segismundo. 2006. *Uso e abuso da linguagem: a vacuidade sonora*. FFLCH/USP.
- TOGNOLLI, Cláudio Julio. 2001. *A sociedade dos chavões*. Presença e função do lugar-comum na comunicação. São Paulo: Escritura Editora.
- URBANO, Hudinilson. 2002. Uso e abuso de provérbios. In: PRETI, D. (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas. Projetos Paralelos, NURC/SP, v. 5.
- \_\_\_\_\_. 2006. Usos da linguagem verbal. In: PRETI, D. (org.). *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas. Projetos Paralelos, NURC/SP, v. 8.
- \_\_\_\_\_. 2008. Cortesia na literatura: manifestações na interação com o leitor. In: PRETI, D. (org.). *Cortesia Verbal*. São Paulo: Humanitas. Projetos Paralelos, NURC/SP, v. 9.